



IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade
V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade

O MATERNAR NAS REDES SOCIAIS - SUBJETIVIDADES E PLURALIDADES DO DE VIR MÃE NO INSTAGRAM¹

Eixo Temático 17 – GÊNERO, SEXUALIDADE E TECNOLOGIAS DIGITAIS: VOZES, RESISTÊNCIA E PRÁTICAS NA CONTEMPORANEIDADE.

Camila Barreto Cavalcante²
Débora dos Reis Silva Backes³
Dinamara Garcia Feldens⁴
Charlene Pereira de Jesus⁵
Juliana Farias Santos⁶

RESUMO

Mães e instagram, à primeira: uma categoria, o segundo: local de produções de subjetividades e pluralidades, assim invocado pela pesquisa de PIBIC, realizada na Universidade Federal de Sergipe durante os anos de 2023 e 2024, vinculada ao Curso de Pedagogia. Um trabalho de estudos bibliográficos e de buscas na rede social por material que dialogasse com o objetivo da tessitura: compreender, a partir do conceito de devir de Deleuze (1997) e em inspirações genealógicas da moral de Nietzsche (2013), como se dão as contribuições do instagram para a educação das mulheres acerca da maternagem. Desse modo, é um trabalho que descreve o perfil das mães influenciadoras, cartografa páginas de mães que se ocupam com o tema da maternidade e se distanciam da romantização, analisa os principais temas ligados maternidade que circulam nesse espaço. Apreende as mudanças e os desafios enfrentados pelas mães, por meio dos comentários e relatos publicados e compartilhados. Outras autoras referenciadas nesta obra são Cordeiro Mariana (2013), Elizabeth Badinter (1981), Ana Beatroz e Carla Dias Souza (2023). As

¹ Pesquisa resultante do Projeto Pibic/COPES; Pibic/Capes entre o período de agosto de 2023 a agosto de 2024.

² Doutoranda em Educação no Programa de Pós- Graduação em Educação na Universidade Federal de Sergipe psicologa.camilabarreto@gmail.com;

³ Doutoranda em Educação no Programa de Pós- Graduação em Educação na Universidade Federal de Sergipe debsilvabac@gmail.com ;

⁴ Orientadora, Doutorado em Educação Básica, Professora Adjunta da Universidade Federal de Sergipe-SE, dinag.feldens@gmail.com

⁵ Doutoranda em Educação no Programa de Pós- Graduação em Educação na Universidade Federal de Sergipe – SE, psicologa.camilabarreto@gmail.com ;

⁶ Doutoranda em Educação no Programa de Pós- Graduação em Educação na Universidade Federal de Sergipe – SE, juliana22fsantos1@gmail.com .



tentativas evolucionistas são incansáveis em justificar a capacidade materna como instinto. Se fosse assim, como justificar, então, os casos que a mãe se recusa cuidar de seu recém-nascido e/ou alimentá-lo ao peito e chega, até mesmo, a abandoná-lo? Não somente as correntes de cunho biológico contribuíram para uma determinação do instinto materno, mas também psicanalistas, ginecologistas e obstetras, cientistas sociais, fisiologistas e psicólogos fisiológicos atestaram que as mulheres têm um instinto maternizante, ou instinto materno e que, portanto, é natural que maternem, ou mesmo que elas devam por isso maternar. Observamos que a maternidade na internet tem proporcionado uma plataforma única para mães compartilharem experiências, buscar apoio e acessar informações úteis. No entanto, também apresenta desafios, como pressões sociais, comparações prejudiciais e exposição excessiva à opinião pública.

Palavras-chave: Mães, Instagram, Maternagem, Devir, Educação.

INTRODUÇÃO

Esta escrita é resultado de um projeto desenvolvido com bolsa de iniciação científica (PIBIC/COPEs), foi elaborado a partir dos estudos acerca da “desromantização” da maternagem e sua construção histórica, tendo como proposta compreender como os discursos nas redes sociais, possuindo como fonte, o Instagram, tem contribuído para a formação das mulheres acerca da maternagem. Buscando através de postagem feitas por mulheres que maternam, a construção de uma maternagem real sem a romantização do mito do materno. O estudo foi construído por meio de revisão de literatura sobre maternidade no modelo ocidental, acerca de gênero, devir mãe, subjetividades e discursos maternos.

Durante as leituras estudadas ao longo desta pesquisa, destaca-se diversos artigos, como "Mãe, a invenção da História", " A Desvinculação do feminino e suas Relações com a Docência", " Sou uma boa mãe ou má mãe", além do livro: O mito do amor materno". Abordando acerca da construção da figura materna ao longo da história, em como a maternagem foi algo construído socialmente ao longo dos séculos e como a mulher só obteve o papel da maternagem no século XVIII, devido a associação ao divino, e como tal associação tornou-se um fardo para as mulheres, visto que, o símbolo religioso da virgem Maria é expresso de forma inabalável, uma mãe que apesar



das adversidades tem como objetivo acalantar seu filho, anulando totalmente os sentimentos da mãe enquanto mulher, causando uma desumanização.

Com o surgimento das novas tecnologias, no século XXI ser mãe se tornou uma escolha, todavia, o peso social ainda se mantém presente na vida da mãe, ultrapassando agora a distância, com o surgimento das redes sociais, mais especificamente, o Instagram. As mulheres procuram um apoio para suportar tamanho peso imposto pelo mito do amor materno, o qual dita que toda mãe ama seu filho incondicionalmente apesar das dificuldades. No *instagram*, é presente relatos de mães que expõem o cansaço da maternidade, e o quanto a busca pelo ideal do amor materno, não passa apenas de um mito, o qual foi imposto para as mulheres durante séculos. Dessa forma, essas mães buscam relatar através de vídeos e textos, os reais sentimentos que uma maternagem acarreta.

O presente artigo se desdobrará na questão: Como o instagram - dispositivo de controle contribui para os processos de subjetividades dessas mulheres mães, contribuindo para as culpas maternas?

METODOLOGIA

A pesquisa foi desenvolvida ao longo de um ano de acordo com o previsto, entre atividades semanais, entre levantamento bibliográfico: pesquisa nas bases de dados de pesquisas similares, a pesquisa de artigos nas bases de dados com descritores de maternidade, maternagem, devir mãe, mídias sociais. Além disso, a análise do discurso mediado por computador, leitura do material encontrado nas bases de dados para a seleção de acordo com o protocolo estabelecido, período de preparação para publicação científica, entrega da elaboração do material e relatório parcial, descrição e categorização dos materiais coletados nas páginas sociais das mães influenciadoras, avaliação e análise do material identificando, aproximações, divergências e lacunas no âmbito da pesquisa nesta área, produção do relatório final constando atividades desenvolvidas, incluindo publicações científicas. Nesse caso, relacionado ao contexto deste projeto e aos objetivos especificados, como analisar os principais temas ligados a maternidade que circulam no



instagram; compreender o que muda, que desafios são enfrentados por essas mães, por meio dos comentários e relatos publicados e compartilhados, a análise precisará ser estruturada e catalogada em categorias, como estrutura, significado, interação, comportamento social e comunicação multimodal. Estas comunicações abrangem oralidade, formalidade, expressividade, complexidade, características de gênero. Além disso, a tipografia, ortografia, esquema discursivo, escolha do modo de postagem, imagens, tamanhos dos textos, horas de interação. Sempre associando o que é dito ao contexto histórico e social dessas mulheres.

REFERENCIAL TEÓRICO

Dialogando com a categoria de culpa

A maternidade na internet tem proporcionado uma plataforma única para mães compartilharem experiências, buscar apoio e acessar informações úteis. No entanto, também apresenta desafios, como pressões sociais, comparações prejudiciais e exposição excessiva à opinião pública. A busca por suporte emocional e informações sobre cuidados infantis é a principal característica que leva as mães a buscarem o instagram.

Muitas mães relataram nas redes benefícios significativos, como conexão com outras mães, acesso a recursos educacionais e sensação de pertencimento a comunidades virtuais. Entretanto é essencial que as próprias mães estejam conscientes dos impactos psicológicos e emocionais das interações online e busquem um equilíbrio saudável entre compartilhar suas experiências e proteger sua privacidade e a de seus filhos. A maternidade na internet também levanta questões éticas, como o consentimento parental para compartilhar informações sobre os filhos, a validação da maternagem e a cobrança patriarcal que as mulheres sofrem.

Ao redor do nascimento, está uma gama de processos estabelecidos culturalmente: dar ou não o seio logo que nasce; manter a criança distante da mãe, ou não, na maternidade; cobrir a criança com certo tipo de pó ou outra substância; pintar-lhes a pele e muitos outros. Tudo depende dos sistemas simbólicos, rituais, construídos culturalmente (Cordeiro, 2013, p.9).



Desse modo, tivemos e há mulheres na resistência, por isso, adentramos e ocupamos lugares outros, por meio dos buracos no chão, no muro, das bombas distribuídas por elas e por nós, para que, assim, possamos (des)territorializar os modelos hegemônicos de maternidade e maternagem. A era contemporânea nos apresenta a diferença, ao que se refere a esta hegemonia citada acima, contudo, são acontecimentos de rupturas estampados nos cenários sociais, culturais e pedagógicos.

Entretanto não podemos deixar de citar Mary Del Priore (2009), historiadora. Essa explica como as mulheres eram tratadas e ensinadas, domesticadas e o caminho para tal era o do matinar, parir e criar seus filhos, seguindo as etapas instituídas pela Igreja: casar, ter filhos, cuidar da casa, do marido e dos filhos. Sendo assim, aquela que não seguisse tal modelo era “bígama”, “amancebada”. Conforme Del Priore (2009, p. 42), naquela época, “[...] a maternidade eras utilizada para tentar apagar as diferenças raciais, culturais e econômicas mais candentes e prestava-se a ser o instrumento de integração do gênero ao projeto colonial”.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Relatos de mulheres que vivenciam a maternagem e procuram desromantizar é comum no instagram, páginas como: @maeforadacaixa que aborda questões como a pressão por uma maternidade idealizada e a importância de reconhecer e aceitar as imperfeições e dificuldades que podem surgir na jornada da maternagem.

É possível resistir? Não despotencializar? O que esperam de uma mãe? Linda (penteada, maquiada, magra- como poucas mulheres conseguem estar com um bebê), sorridente e feliz, amamentando uma criança. Sua expressão demonstra contentamento e satisfação. Não há lacunas nas quais apareçam insatisfação, cansaço, arrependimento (de ter engravidado e dado continuação à gestação), raiva, ou mesmo dor. A mensagem é clara: uma “verdadeira mulher-mãe” não sente ambivalência e se compraz em amamentar a sua cria (Zanello, 2014, p. 109).

Na @dicasdemaepediatra que narra sua experiência como pediatra e os desafios da sua maternagem, @maeporamor que relata como se tornou mãe através de adoção @maternidade.real que oferece uma visão honesta e crua da maternidade, destacando tanto os momentos desafiadores quanto os momentos de alegria, promovendo uma conversa aberta sobre as experiências reais das mães, @enquantoosfilhoscrescem que compartilha seus relatos de como é ser mãe de dois através de fotos, @dudacostamamae



que relata sua culpa e julgamentos que sofre acerca da maternagem e @viihtube que apesar de possuir uma realidade privilegiada onde possui uma vasta de rede apoio narra através da sua vivência sua mudança como mulher após a maternidade e toda a pressão social, estética e cobrança pessoal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Incomodadas e insatisfeitas com o fato de o corpo da mulher e sua saúde serem traduzidos e orientados pelos médicos – ginecologistas e obstetras –, bem como com a perspectiva fragmentada de sua corporalidade por eles propalada, as feministas passam a reivindicar um tratamento específico e integral à saúde feminina. Nesse sentido, em busca de um outro olhar, menos patológico, menos reprodutor e menos intervencionista, a saúde torna-se uns dos pontos de grande ataque e remodelação feminista (Carneiro, 2011, p. 2).

As reivindicações feministas no “boom” da industrialização, no campo do trabalho e no acesso aos direitos sociais, além de todos os progressos científicos no campo da contracepção e nas tecnologias reprodutivas, foram movimentos de um processo de subjetivação dessas mulheres, questionando sobre a maternidade. Mesmo diante de avanços, a maternidade ainda é vista como uma obrigatoriedade (Carvalho; Schiavon; Sacco, 2018).

Obrigatoriedade, vigilância e punição, dispositivo, segundo Foucault: É um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode tecer entre estes elementos (Foucault, 2000, p. 244).

Nesse diferir, a proposta é que as mulheres possam criar valores outros, não os que estão postos e formatados pela sociedade patriarcal. Onde está o direito de criar valores? Para isso, é necessário fazer subir uma força que fuja às formas morais e encontre uma ética dos devires. O feminismo se torna produto do ressentimento quando passa a usar as mesmas armas de seus opressores e perde-se em seu campo de batalha, não queremos estar ao lado daqueles que nos oprimiram, mas buscar lugares novos, onde eles



IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade
V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade
V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Bem-Estar da Mulher

ainda não chegaram a encontrar um caminho para, para que não fique estagnada ao desejo de mudança.



REFERÊNCIAS

Badinter, Elizabeth. **O Mito do Amor Materno**. Nova Fronteira, 1981.

CARNEIRO, Rosamaria. Feminismos e Maternidades: (des)encontros e (re)significados; **Subjetividades Maternas e Feministas em Questão**. Anais XXVI Simpósio Nacional de História, 2011.

CARVALHO, Janine Pestana; SCHIAVON, Amanda de Almeida; SACCO, Airi Macias. **A romantização da maternidade: uma forma de opressão de gênero**. In: SENACORPUS – Seminário. Corpus Possíveis no Brasil Profundo. [Livro Eletrônico]. Campina Grande: Realize Editora, 2018.

_____. **O Poder da Comunicação**. Fundação Calouste Gulbenkian, 2013.

DEL PRIORE, Mary. **Ao sul do corpo: Condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia**. 2. ed. São Paulo: Unesp, 2009.

FOUCAULT, Michel. **Os intelectuais e o poder – conversa entre Michel Foucault e Gilles Deleuze**. In: _____. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 2000. p. 69-78.

Nietzsche, Friedrich. **Genealogia da moral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

Smith, J., & Jones, A. **Gênero, patriarcado e divisão de trabalho**. *Revista de Estudos de Gênero*. 2020.